

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; África Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2335

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 13 DE JULHO DE 1926

Onde está a unidade de vistas do exército?
E qual é o pensamento da revolução?

Pelas declarações que o presidente do novo governo fez ontem no acto da posse dos ministros dos Estrangeiros e do Interior, verifica-se que, afinal, a despeito dos boatos e de certos factos insignificantes, como a fixação de residência do general Gomes da Costa nos Açores, tudo vai bem e não há motivo para alarmes.

E' certo que o general Carmona declarou que se conspirava para aí, irritando os espíritos, temendo-se que ela conseguisse arremessar os sargentos contra os oficiais. Mas a unidade do exército é absoluta e a sua unidade de vistas neste momento, perfeita.

O novo ministério, ainda segundo a expressão do mesmo senhor, está apto a executar o pensamento da revolução de 28 de Maio. Acreditamos piamente—tanto mais que desconhecendo nós em que consiste o pensamento dessa revolução, nunca nos atreveríamos a duvidar das afirmações de sua excelência.

Apenas nos atrevemos, delicadamente, tão delicadamente que a censura ficará maravilhada com a nossa gentileza, a perguntar o que é o pensamento da revolução de 28 de Maio.

Sim, o que é o pensamento da revolução? Há mais de um mês que o país espera ansioso que lhe digam o que é o pensamento da revolução.

Nós estávamos convencidos de que a revolução não tinha pensamento. Mas surgiu tanta gente a afirmar o contrário, que sim, que havia um pensamento—que resolvemos procurá-lo por toda a parte na doce esperança de encontrá-lo.

Depois... já três chefes se sucederam após a ceiosão do movimento que não chegaram a enunciar outros propósitos que fossem os de salvar a Pátria... Mas salvar a Pátria não é um pensamento—é, quando muito, uma intenção. Dos três chefes, todos eles saídos da mesma revolução, todos eles componentes do mesmo exército que, segundo as recentes afirmações oficiais, está unido como um só homem, cada um agiu como lhe aprouve, dois foram destituídos e nenhum, que se saiba, mostrou às gentes ignaras qual era o pensamento.

Pelas obras podem conhecer-se os pensamentos das pessoas, das classes, ou das corporações. E qual tem sido a obra deste exército triunfante, uno e indivisível? Fragmentária e nula, quando não prejudicial. Tão prejudicial que cada governo que sobe

anula a obra do governo que tombou. E' claro que todos estes factos provam—não temos relutância em afirmá-lo—a perfeita união do exército, a sua competência governativa e talvez a existência do pensamento que deve ser perfeito e inabalável como a sua obra.

No presente momento a situação está normalizada. O exército armado nada receia. Não teme os ataques dos políticos nem as críticas da imprensa. Porque se mantém, então, a censura e o estado de sítio? Para quê tantas precauções? Para conjurar um perigo que o próprio exército diz não existir. vê toda a gente que éle está unido, firme como bloco? Um pensamento único liga todos os oficiais indissolavelmente. Falta-nos saber apenas esta cousa insignificante: em que consiste esse pensamento.

Chega-se a uma pessoa junto de qualquer pessoa oficial e pergunta-lhe delicadamente: —V. Ex.ª quer fazer-nos o favor de nos dizer qual é o pensamento da revolução?

E éle sorridente acode: —Não posso dizer-lho. Limítame a obedecer à 1.ª divisão.

Ou então: —Estou às ordens do sr. ministro da Guerra. Ninguém nos dá uma resposta concreta.

Gratifica-se bem a pessoa que nos indicar o paradeiro do pensamento da última revolução.

Desistimos, porém, do nosso intento porque a censura, julgando que nós pretendíamos mangar com a tropa e ainda porque não nos permite anúncios na primeira página, mostraria ao leitor um espaço mudo e branco como uma parede.

Só uma resolução nos resta, imposta pelas circunstâncias: esperar que o pensamento nos apareça espontâneo, claro e nítido, sem que persistamos no fatigante trabalho de procurá-lo.

Lêde o Suplemento de A BATALHA



Assinar "Os Mistérios do Povo"

Notas & Comentários

Uma folha que se publica por aí e se intitula abusivamente órgão da U. A. P., permitia-se atingir a redacção e a direcção da Batalha com alguns insultos, aos quais não responderíamos, se não fosse a consideração que nos merecem as pessoas de bom lé que porventura os lessem. Entre outras sandices acusaram os jornalistas colaboradores das folhas de propaganda que a Batalha edita de comissões que recebem na rua do direito das notas que recebem. Temos pelos escripturários dos insultos o máximo desprezo. Estamos certos de que todas as pessoas que conhecem os jornalistas profissionais, que aliam à sua profissão a sua qualidade de idealistas, escrevendo com amor e carinho, embora pouco recebido pelo que escrevem porque de outra profissão não vivem, sabem que o ataque feito no papelinho rancoroso visa apenas ao descrédito de pessoas limpas e probas que por o serem não merecem as simpatias dos cavalheiros que os insultam. E basta, por agora.



Um caso camorrista Edmundo José Carlos Vaz, militar que há sete anos se encontra preso pelo delito de deserção, actualmente internado no hospital da Estrela, enviou-nos num saquinho, acompanhado de uma carta comovente, uma pequena quantia—não chega a dois escudos—em moedas de cobre e níquel, para ornar a manutenção da Batalha. Estas eram

PELOS HOSPITAIS CIVIS
Para que a classe de enfermagem conquiste a posição a que tem direito, é necessário que as suas reclamações sejam integralmente atendidas

Um das maiores sumidades médicas do nosso país, cientista muito viajado e que à cura da tuberculose tem dado o melhor do seu esclarecido espirito, divagando sobre os serviços hospitalares dos outros países, dizia-nos há tempos o seguinte: —A melhor enfermagem do mundo é hoje considerada pela seguinte ordem cronológica: suíça, inglesa e portuguesa.

Para esclarecer a sua opinião, o ilustre médico acrescentou: —A pesar-da enfermagem portuguesa ocupar o terceiro lugar, ela é de todas a mais rica de iniciativa. Quando o enfermeiro português possui uma cultura mais ampla, a enfermagem portuguesa poderá alcançar o lugar que hoje pertence à suíça. Assim será. Quando o enfermeiro português atingir um outro grau de cultura poderemos orgulhar-nos de possuir a enfermagem mais perfeita.

Para conseguir esse desideratum, a enfermagem do nosso país já hoje reúne requisitos muito apreciáveis: sentimento de afectividade, carinho, abnegação e grande poder discernitivo.

O enfermeiro também possui, como vimos nos últimos artigos, uma mediana cultura que a Escola Profissional prodigaliza. Resta agora que os conhecimentos pedagógicos desse estabelecimento façam do enfermeiro um profissional competente, tão competente como é o seu confrade suíço.

A classe de enfermagem procura conseguir essa capacidade. O enfermeiro hoje, por intermédio da sua associação de classe, estuda todos os problemas que dizem respeito à sua carreira profissional.

De harmonia com esse estudo, às entidades competentes têm sido endereçadas algumas reclamações. Uma dessas reclamações, que merece destaque neste artigo, é a seguinte:

«Que no 2.º ano da Escola Profissional de Enfermagem seja administrado o ensino de obstetricia (partos) às enfermeiras, ficando estas legalmente habilitadas a exercer o mister de parteiras.»

Os impetrantes justificam assim os seus desejos: A falta de parteiras em alguns hospitais determina que as parturientes sejam assistidas apenas por enfermeiras. Devido a esse facto as enfermeiras adquirem uma soma considerável de conhecimentos que as habilita à profissão de parteiras.

Logo, se a enfermeira no hospital pode desempenhar as funções de parteira, para o que não lhe falta competência e tirocinio, porque é que fora dos hospitais a mesma parteira não poderá assistir os partos? Parece-nos que tudo isto se conseguiria dando a Escola capacidade legal as enfermeiras, com conhecimentos de obstetricia,

OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Tomaram ontem posse os novos ministros dos Estrangeiros e do Interior

Os ministérios saídos desta situação militar têm tido a duração poética das rosas de Malherbe. O Terreiro do Paço a única obra consistente que até agora nos tem dado é a entrada de ministros que saem vertiginosamente para darem lugar a outros cuja data de saída não é, como é de prever, marcada com antecipação...

Ontem tomaram posse mais dois ministros novos: o dos Estrangeiros e do Interior. O general Carmona discursou no empastamento de ambos. Sobre o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, que ficou com a pasta dos Estrangeiros, afirmou que éle estava integrado no conjunto de homens que constituem o actual governo, que considerou ser «um bloco unido que marcha equitativamente, um quadrado sagrado que só baqueará em condições extraordinárias» que salvará o país «do plano inclinado em que o colocaram». Disse ainda no mesmo tom uma ou duas centenas de palavras, averiguando-se no fim que o sr. Bettencourt não conhecia os seus colegas do «quadrado sagrado» pelo que se fizeram apresentações. Não se conheciam, mas têm o mesmo pensamento... O sr. dr. Bettencourt Rodrigues disse que podiam contar com éle, que gostava de pertencer ao «bloco sagrado», etc., etc.

O novo ministro do Interior é o sr. dr. Ribeiro Castanho, auditor dos tribunais militares. O general Alves Pedrosa fez, no acto da posse daquele ministro, estas graves declarações: «Todos os dias nos chegam informações de que se conspira. Sabemos que se pretende insubordinar sargentos contra os seus oficiais. Ora esta situação não se pode manter. Por maior que seja o desejo de trabalhar, de que estão animados os membros do governo, ninguém pode realizar obra útil, com a preocupação constante do problema da ordem pública».

O novo ministro respondeu, corroborando, deste modo, as afirmações do general Pedrosa: «Vivemos numa atmosfera irrespirável. Chegam-nos boatos—e com sério fundamento—de que se conspira. Pois bem: pronunciam-se sem demora as pessoas que tiverem de se pronunciar. Ou éles, ou nós. Se forem éles, vamos-nos embora, deixando o encargo de governar a quem vier. Se formos nós, havemos de levar até ao final, sem uma fraqueza, sem uma hesitação, a obra que nos propomos realizar. Anjma-nos a todos o pensamento da revolução nacional de 28 de Maio. No actual governo, tal como está constituído, não há divergências, não há desunião. Existe, mais forte do que nunca, a coesão ministerial e isso representa a melhor garantia do cumprimento dum programa de salvação nacional.»

O conselho de ministros de ontem ocupou-se da questão dos tabacos. O conselho de ministros reuniu ontem na secretaria das Colónias durante a sessão desde as 12 até as 15 horas, o conselho de ministros examinou a questão dos tabacos, considerando a liberdade de fabrico e de consumo. Ocupou-se da situação material do general Gomes da Costa e tratou do programa do governo, segundo a orientação já conhecida, dos princípios em que se baseou o movimento militar de 28 de Maio. Ainda se ocupou da modificação do sistema tributário.

Os agentes de emigração contra o tenente Viegas Lata. Informam da Arcada: Os agentes dos serviços de emigração, constando-lhes que o ex-agente sr. Viegas Lata pedira um lugar dentro da organização dos serviços de emigração compatível com a sua categoria de oficial do exército, vão entregar hoje uma representação ao ministro do Interior pedindo que, por motivos de ordem moral aquele pedido não seja deferido.

Os subsídios na Armada. Vai ser publicado um decreto alterando os subsídios de embarque dos oficiais e sargentos da Armada. Os novos subsídios são fixados a partir de 1 do corrente.

O crepúsculo dos deuses... Pelo ministério da Guerra foi ontem expedido a todos os comandos militares do país o seguinte rádio: «Ex.ª ministro manda comunicar v. ex.ª que, em consequência informações oficiais sobre estranho procedimento ex.ª general Gomes da Costa, que, com afirmações menos verdadeiras, tentou na manhã nove corrente insubordinar sargentos e soldados contra seus oficiais, verificando-se com ésses e outros actos, a perturbação de espirito de s. ex.ª, desorientado pelos maus conselhos de políticos que o rodeavam e isolavam dos seus leais cooperadores, o conselho de ministros se viu forçado a ordenar a marcha imediata de s. ex.ª para Angra do Heroísmo, para onde seguiu a bordo do cruzador Carvalho Araújo. Mesmo conselho, que não esquece altos serviços prestados Pátria e República por s. ex.ª, é o primeiro a lamentar esta medida, imposta pela necessidade absoluta de assegurar tranquilidade, perturbada pela presença e actos de s. ex.ª. Governo República espera que todo o país facilite obra patriótica que se queira realizar aguardando com calma medidas que, para serem eficazes, não podem ser tomadas precipitadamente. Exército, Marinha e Guarda Republicana continuam estreitamente unidos para garantir ao ministério a realização do ideal e programa do movimento.»

Copiando o odioso figurino democrático

Continua-se prendendo e perseguindo injustificadamente operários conscientes

Os democráticos conquistaram, pelas suas violências e corrupção, a antipatia de todo o país—e foi essa antipatia quem derrubou António Maria da Silva do Terreiro do Paço. De tal modo, esse político porfiou nos processos tantas vezes aplaudidos nos congressos do P. R. P. que éles ficaram conhecidos por «processos democráticos».

Ora um dos processos mais ignóbeis dos governos democráticos consistia na perseguição contínua, insistente, a todos os elementos operários— a todos aqueles operários conscientes que outro crime não cometem senão o de trabalhar, fora das horas das suas ocupações, na organização operária, com o mesmo direito que assiste aos que se encontram filiados nos centros políticos e nas associações patronais. Pois a actual situação, nascida dum movimento geral e unânime de repulsa contra o Partido Democrático, parece ter herdado os mesmos processos, esquecendo-se assim de que podem incorrer no mesmo desaire que vitimou os seus adversários de ontem.

Em todo o país começa-se a sentir, muito naturalmente, e nesse ponto não existe erro de visão a impressão que a substituição feita em 28 de Maio se realizou apenas nos nomes— visto que os hábitos, os hábitos perniciosos, se conservam intactos. Ora isso revela um mau facto político, uma ignorância crassa dum verdade camesinha, segundo a qual as mesmas causas engendram sempre, inevitavelmente, os mesmos efeitos.

Prenderam-se ultimamente cerca de trinta e um operários que nenhum delicto haviam praticado e sobre os quais não existia, concretamente, a mínima acusação. Alguns d'elles foram postos em liberdade, mas outros ficaram aterrorizados nos imundíssimos calabouços do governo civil, quando todos éles estavam completamente isentos de culpas. Mas, as perseguições não ficaram por aqui: a policia continua procurando avidamente todos os elementos operários na ansia feroz de os prender.

Os que foram presos e aqueles a quem se pretende prender são, segundo lemos nas notas dimanadas da policia e publicadas nos jornais burgueses, acusados de agitadores. Mas, agitadores de quê? Foram eles quem fez o 28 de Maio, quem derubou Mendes Cabeçadas, quem destronou Gomes da Costa, quem cons-

pira para deitar abaixo o general Carmona? Todas estas agitações têm sido feitas, como é do conhecimento público, pela tropa—e os operários são, como toda a gente sabe, civis, civis que não frequentam casernas mas oficinas, com a agravante de que utilidade destas últimas não pode ser negada por aquelas.

Os operários presos têm, na sua maioria, cadastro, não há dúvida. Têm-no, não porque tenham incorrido nas sanções do código, mas sim porque não conseguiram evitar ser atingidos, várias vezes, pela violência inqualificável de serem roubados ao convívio de suas famílias e ao trabalho com que angariavam seus meios de subsistência. Essas prisões foram efectuadas por policia que tinham autênticos cadastros por delictos infamantes—e isso mesmo o reconheceu a actual situação, dissolvendo a P. S. E.

Não se justifica que as mesmas pessoas que dissolveram aquele organismo policial, devido às arbitrariedades e violências que praticou esteja a perseguir aqueles que delas foram vítimas.

E' preciso que acabe duma vez para sempre o critério adoptado pelos democráticos, segundo o qual os operários devem ser carne de canabouço, devem viver em contínuo sobressalto, sob o odioso regime de liberdade provisória. Esse critério que ajudou bastante a deitar abaixo os democráticos—é um critério duplamente infame.

Em primeiro lugar prender um operário e reconhecer depois que éle nenhum delicto praticou, fabricando com essas iníquas prisões um cadastro, é uma iniquidade tremenda e monstruosa. A actual situação militar prendendo os indivíduos que sob o consulado democrático passaram meses em calabouços perfilhou e sancionou essa iniquidade, o que deve causar grande aplauso e grande regosio, por parte dos partidários de António Maria da Silva.

Em segundo lugar prender indivíduos só porque éles em tempos foram presos é estabelecer o critério de quem entrou pela primeira vez num calabouço, nunca de lá deve sair. Este critério só pode ser perfiilhado por criaturas cuja existência em certos lugares se torna altamente pernicioso à sociedade.

Por todas estas razões lavramos indignadamente o nosso protesto contra as prisões e perseguições que se estão praticando contra todos os operários conscientes.

ASSINEM Os Mistérios do Povo

